



# TEXTO PARA DISCUSSÃO

ISSN 0103-9466

408

**John Hobson:  
liberalismo, imperialismo e reforma social**

**Eduardo Barros Mariutti**

**Maio 2021**



UNICAMP

**ie** Instituto de  
economia



## John Hobson: liberalismo, imperialismo e reforma social

Eduardo Barros Mariutti \*

### Resumo

Este texto é uma adaptação do capítulo 2 de minha tese de livre-docência e foi escrito com o propósito de subsidiar as discussões do curso HO -350 Tópicos Especiais em Economia – Tensões no pensamento liberal: do liberalismo reformista ao “neoliberalismo”. O objetivo central aqui é discutir a peculiaridade da concepção de liberalismo desenvolvida por John Hobson, levando em conta a sua crítica ao imperialismo.

**Palavras-chave:** John Hobson, 1858-1940, Liberalismo, Imperialismo.

### Abstract

**John Hobson: liberalism, imperialism and social reform**

This text was written to support the discussions of the course HO-350 Special Topics in Economics – Tensions in liberal thought: from reformist liberalism to “neoliberalism”. The central aim here is to discuss the peculiarity of the conception of liberalism developed by John Hobson, considering his critique of imperialism.

**Keywords:** John Hobson, 1858-1940, Liberalism, Imperialism.

**Código JEL:** B31.

John Hobson foi, essencialmente, um erudito de formação clássica que participava ativamente do debate público sobre os rumos da civilização ocidental pelo prisma das vicissitudes do Império Britânico. Os alicerces de sua obra foram forjados em um período de profundas transformações, particularmente aos olhos de um Inglês: a intensificação das tensões nas colônias africanas, combinada com a intensa disputa geopolítica pela China<sup>1</sup> (na qual, ao contrário da luta pela África, os EUA tinham um interesse direto<sup>2</sup>) e a possibilidade de formação de um império pangermânico no coração da Europa que, se concretizado, poderia alterar radicalmente a distribuição de forças na política mundial. No plano interno o debate não era menos acirrado, particularmente em Londres, onde a polêmica sobre o futuro do Império se mesclava com os problemas sociais de uma cidade complexa e heterogênea, cada vez mais marcada pelo contraste entre uma massa de miseráveis – crescentemente percebidos pelas classes médias como *degenerados* irrecuperáveis – e uma elite pretensamente cosmopolita, rodeada por serviçais polidos e arrivistas buscando galgar posições

---

\* Professor Associado do Instituto de Economia da Unicamp e do Programa de Pós-Graduação *San Tiago Dantas*. Membro da Rede de Pesquisa em Autonomia Estratégica, Tecnologia e Defesa (PAET&D). E-mail para contato: [mariutti@unicamp.br](mailto:mariutti@unicamp.br).

(1) A disputa pela China estava no centro de suas primeiras abordagens sobre o problema do imperialismo. Sobre este aspecto, ver Peter CAIN *Hobson and Imperialism: Radicalism, New Liberalism and Finance, 1887-1938* Oxford: Oxford U. Press, 2003 p. 67 e segs.

(2) Em seu julgamento, foi a luta européia pela conquista da Ásia que tirou os poderosos Estados Unidos do seu (suposto) isolamento para entrar “com tudo” na competição imperialista. cf. John A. HOBSON. *Imperialism: a study*. Nova York: James Pott & Company, 1902 p. 11.

sociais a qualquer custo. Tudo isto temperado por um sentimento que a posição proeminente da Grã-Bretanha no cenário mundial estava seriamente ameaçada.

Transitava em praticamente todas as grandes áreas do conhecimento com desenvoltura e criatividade, característica que o tornou imune aos raciocínios herméticos e recheados de jargões que, infelizmente, já estavam contaminando a academia. Por conta disto é bastante difícil – e inútil – tentar enquadrá-lo em apenas uma disciplina, especialmente se levarmos em conta o excesso de especialização que caracteriza a universidade nos nossos dias. Suas influências mais explícitas são Richard Cobden, John Stuart Mill, John Ruskin, Thomas Hill Green, Leonard Hobhouse (de quem foi muito próximo) e Herbert Spencer,<sup>3</sup> mas ele mantém um diálogo com praticamente todos grandes clássicos do pensamento dito ocidental. A despeito da variedade de temas, Hobson tinha uma forte inclinação sociológica,<sup>4</sup> temperada com princípios e expressões tomadas da biologia<sup>5</sup> e, de forma mais matizada, da psicologia,<sup>6</sup> um tipo de combinação muito comum no pensamento social britânico anterior à grande guerra. Além de extensa, a sua obra é marcada por diversas mudanças de posição sobre temas importantes como, por exemplo, a natureza do imperialismo, o peso e o caráter do comércio internacional, o nacionalismo, a dinâmica das relações internacionais etc. Mas, ao final, mesmo com algumas arestas, acredito que Hobson conseguiu criar um sistema conceitual coerente e razoavelmente integrado.

Este artigo é uma adaptação de parte do capítulo 2 de minha tese de livre-docência, defendida em maio de 2017. Aqui procuro destacar uma preocupação que, de certo modo, constitui a base fundamental da vasta obra de John Hobson: quais seriam as condições para o desenvolvimento de uma democracia efetiva, isto é, baseada na equidade e apta a fomentar o bem-estar da humanidade

---

(3) A defesa do *Free Trade* feita por Hobson é bastante similar à posição de Richard Cobden (a quem dedicou uma elogiosa biografia) mas, como veremos, possui algumas diferenças importantes. A influência de John Stuart Mill é também bastante nítida, particularmente a reflexão sobre o individualismo presente em *On Liberty*. Além disto, Hobson construiu a sua teoria do imperialismo partindo da definição de nacionalismo – e do estilo de “autodeterminação nacional” – proposta por Mill. Hobson assenta também a sua visão geral sobre as tensões no cenário contemporâneo na famosa distinção entre “militant” e “industrial society” proposta por Herbert Spencer. E, de certo modo, o otimismo spenceriano de que a sociedade pode evolver espontaneamente para um organicismo composto por indivíduos em cooperação aparece repetidas vezes ao longo da obra de Hobson. Na autobiografia que publicou pouco antes de sua morte, Hobson torna público também a profunda influência que sofreu deste autor – e *The Study of Sociology* em particular – desde a sua juventude, particularmente no que diz respeito às possibilidades de aplicação do método científico aos problemas sociais da vida cotidiana cf. JOHN HOBSON *Confession of an Economic Heretic* Londres: Allen & Unwin, 1938 p. 23. Porém, a rigor, o esforço de Hobson foi em um sentido contrário ao núcleo do argumento de Spencer: a defesa spenceriana da sociologia foi pensada para se opor ao “utilitarismo empírico” dos reformadores sociais que, em seu julgamento, ameaçava a propriedade e tendia a conferir ao Estado muito poder. Além disso, foi Spencer que deu um dos passos mais decisivos na mudança da ênfase na simetria das trocas – típico da “suave economia política” – para a competição como a forma mais “benéfica” de ordenamento social. E, como se sabe, foi ele quem criou a expressão “survival of the fittest”, termo incorporado por Darwin apenas na quinta edição de *The Origin of the Species*. cf. Pierre DARDOT & Christian LAVAL *The New Way of the World: on neoliberal society* Londres: Verso, 2013 cap. 1.

(4) cf. Bernard SEMMEL *The Liberal Ideal and the Demons of Empire* Baltimore & Londres: Johns Hopkins U. Press, 1993 p. 104.

(5) cf. Michael FREEDEN “Biological and Evolutionary Roots of the New Liberalism in England.” *Political Theory* 4, no. 4 (November 1, 1976) p. 471–90.

(6) cf. Michael FREEDEN *Liberal Languages: ideological imaginations and Twenty-Century Progressive Thought* Princeton & Oxford: Princeton U. Press, 2005 p. 109-10. Ver também, do mesmo autor, *Liberalism Divided: A Study in British Political Thought, 1914-1939* Oxford: Oxford U. Press, 1986 p. 223-46 e John Cunningham WOOD “J.A. Hobson and British Imperialism” *American Journal of Economics and Sociology*, v. 42, n. 4 (1983) p. 484-5.

em escala mundial? Este conjunto de problemas é formulado em um quadro que almeja pensar a política, a economia e a cultura como instâncias articuladas, em um esforço para ajudar a construir uma “ciência” compreensiva do *bem-estar* da humanidade. As aspas se justificam pois ele criticava asperamente as crescentes tentativas dos economistas e politicólogos do seu tempo de separar a “ciência” do “humanismo” que, no seu (correto) julgamento, brotavam de uma degeneração do dualismo cartesiano entre mente e corpo.<sup>7</sup> Essa tentativa de dissociação, a seu ver, resultava em um tipo de raciocínio *indutivo* que deformava a realidade por pressupor mecanicismos e automatismos inexistentes, que só funcionam se reduzirmos formalmente os seres humanos a meros calculadores animados de custos e benefícios.

Esta visão deformadora só poderia ser superada por uma perspectiva marcada por duas características associadas: i) uma orientação com uma nítida *influência*<sup>8</sup> normativa, isto é, com vistas a tentar integrar efetivamente os valores e as formas de crença à análise da ação social<sup>9</sup>; ii) uma visão orgânica: a sociedade – ou, pelo menos, a sociedade integrada pela indústria moderna – não é um conjunto de relações sociais ou um mero agregado de homens e mulheres perseguindo objetivos exclusivamente individuais mas, pelo contrário, ela deve ser concebida como “um organismo coletivo, com vida, vontade, propósitos e um sentido próprio, que é distinto da vida, propósitos e significado dos seus membros individuais”.<sup>10</sup> De forma direta: não existem indivíduos destacados da vida social. Seus atos, pensamentos e interações estão impregnados pela trama das relações sociais, das quais são elementos constituintes.

Esta visão “organicista” – ou “utilitarista social”, como ele também costumava chamar – sempre causou algum desconforto entre os liberais que nunca conseguiram superar a concepção atomística de indivíduo. E ao insistir no organicismo John Hobson se somava a diversos autores que, desde o final do século XIX, tentavam superar a dicotomia individualismo/coletivismo. Michael FREEDEN destaca este aspecto de seu pensamento:

*At times, Hobson had taken the organic notion to an extreme, introducing a notion of community stronger than anything seen before in liberal theory when suggesting that society could even develop a will and purpose of its own, and he was taken to task for that by the liberal Manchester Guardian. If that seemed to burst the bounds of liberal ideology, it was immediately hauled back*

---

(7) cf. David LONG *Towards a New Liberal Internationalism: the international theory of J. A. Hobson* Cambridge & Nova York: Cambridge U. Press, 2004 p. 8-9.

(8) A palavra influência, exatamente por ser vaga, é uma das mais apropriadas, pois há uma tensão não resolvida em seu pensamento. John Hobson explicitamente *nega* que a sociedade está *fadada* a realizar “qualquer ordem ética fundamental” ou, alternativamente, que ela possa *ser fundamentalmente explicada* desta forma. Ela também não pode ser vista como um mero produto de entes individuais fazendo escolhas. Uma passagem é particularmente esclarecedora sobre esse ponto: “*Whether society be regarded as an ‘organism’ with a life conceived as comprising and regulating the life of its individuals, in the same manner as a biological organism that of its cells, or as an ‘organisation’ contrived by individuals entirely for the furtherance of their private ends, it must be treated as a vital structure capable of working well or working will. I say vital structure, not spiritual structure, for I hold the tendency to interpret social organisation exclusively in terms of ethical ends, and as existing simply for ‘the realisation of an ethical order’ to be unwarranted. The men who form or constitute a Society, or who enter any sort of social organisation, entre body and soul, they carry into it the inseparable character of the organic life, with all the physical and spiritual activities and purposes it contains.*” *Work and Wealth: an human Valuation* Nova York: Macmillan 1921 p. 14.

(9) cf. Michael FREEDEN “J. A. Hobson as a New Liberal Theorist: Some Aspects of his Social Thought Until 1914” *Journal of the History of Ideas* v. 34, , n. 3 (1973), pp. 421; 423 e especialmente a página 426.

(10) *Work and Wealth* op. cit. p. 15.

*by his parallel insistence on the development of the parts as essential to the flourishing of the whole. Hobson extended the Millite theme of atrophy, in which the welfare of society was dependent on the healthy exercise of the faculties of its members, even as the latter were dependent on the rationally organized community for their self-realization.*<sup>11</sup>

Essa tensão se expressa em praticamente todas as dimensões do seu pensamento e, por conta disto, acabou gerando inúmeras controvérsias entre seus interlocutores. Mas foi exatamente este traço que o permitiu dar um passo importante na transformação do pensamento liberal que estava em curso em sua época.

Desde 1880 a tensão entre o liberalismo dos “reformadores sociais” – dos quais Hobson é um dos principais expoentes – entrou em choque com uma tradição mais centrada no primado da liberdade individual como um princípio absoluto<sup>12</sup>. O que estava em pauta, portanto, era uma grande cisão no pensamento liberal que, posteriormente, foi explicitada no colóquio Walter Lippman em 1938, que opôs o *New Liberalism* (a tradição associada à Hobson) ao que hoje denominamos *Neoliberalism*. Os novos liberais acreditavam que a tradição clássica do pensamento liberal havia se convertido em uma força conservadora, centrada na defesa intransigente da propriedade privada e em um atomismo reducionista, que tirava a vitalidade e o caráter progressista que marcou o liberalismo enquanto força opositora ao Antigo Regime.

Por conta desta postura, Hobson sempre se mostrou particularmente enfático na necessidade de tentar dissolver o caráter estático da “velha” orientação utilitarista que, ao estilizar os atores em pares em eterna oposição (produtores versus consumidores), e sempre movidos por variações da dicotomia prazer *versus* dor, eliminava não somente o conteúdo efetivamente social (Polanyi diria substantivo) das suas relações, como, essencialmente, partia da irrealista visão de que é possível *separar* as diversas motivações das ações humanas (objetivos econômicos, objetivos políticos, afetivos etc.) para fundamentar disciplinas distintas, onde cada uma explicaria um *tipo* de comportamento humano. O ponto mais peculiar de sua visão, contudo, não é somente essa crítica – muito frequente entre os próprios reformadores liberais do final do século XIX – mas a ideia de que, assim como ocorre com o homem, é impossível *separar* as bases espirituais das materiais da sociedade. Exatamente por isso ela pode ser explicada de forma *análoga* a um organismo vivo: a sociedade pode funcionar *bem ou mal*. Uma sociedade só é sadia quando todas as suas unidades e subsistemas operam de forma harmônica, isto é, quando há uma congruência entre o desenvolvimento das partes e o do todo.

O problema, portanto, para manter a analogia, não é somente a atrofia de um órgão ou função, mas também a *hipertofia*. O argumento tem dois aspectos. O primeiro, mais óbvio, é que uma sociedade que distribuiu de forma muito desigual seus produtos e oportunidades gera desperdício e se torna menos dinâmica, pois os setores que concentram o produto social tendem ao consumo conspícuo e ao parasitismo (“rentismo”, na terminologia contemporânea). Mas o segundo aspecto é mais interessante. Tais grupos tendem a cristalizar seus privilégios, fato que *reduz* o dinamismo potencial da sociedade por *restringir* a área de seleção dos “talentos criativos”, pois estas novas

---

(11) *Ideologies and Political Theories: A Conceptual Approach* Oxford: Clarendon Press, 2006 p. 205. Deste mesmo autor, ver também *Liberal Languages: ideological imagination and Twenty-Century progressive thought* Princeton & Oxford: Princeton U. Press, 2005 p. 49-50

(12) cf. Pierre DARDOT & Christian LAVAL *The New Way of the World...* op. cit. p. 27

barreiras *isolam* os privilegiados de uma maior concorrência que seria benéfica ao conjunto da sociedade, caso a igualdade de oportunidades fosse estendida ao maior número possível de pessoas.<sup>13</sup> Logo, o resultado é uma tendência crescente à intensificação da polarização social que, na prática, engendra um mecanismo de *degeneração* tanto das “elites” quanto da grande massa de miseráveis, forçados a lutar diariamente pela sobrevivência, na base das pequenas rapinagens, trabalhos eventuais e na disputa pelas migalhas deixadas pelos mais favorecidos.

O tema da decadência da civilização ocidental começava a ganhar destaque no final do século XIX e, no caso específico da discussão pública britânica, particularmente entre os londrinos, o foco recaía na degeneração dos miseráveis urbanos. Edwin Ray Lankester, um famoso zoologista ligado a Thomas Henry Huxley, foi um dos pioneiros a insistir na necessidade de incluir a *degeneração* (isto é, redução da complexidade de uma espécie) como uma via “evolucionária”, ao lado do conceito de “equilíbrio” (a preservação das características de uma espécie por um período prolongado de tempo) e de “elaboração” (a transformação das espécies, frente às pressões competitivas do meio).<sup>14</sup> Isto é: ele estava problematizando a difundida tese de que todas as espécies tendem a se tornar mais complexas e que, portanto, evolução implica necessariamente aumento de complexidade. Para tanto, ele partiu da constatação de que a degeneração (*retrogressive metamorphosis*) de parasitas e alguns animais excepcionais já era reconhecida pelos naturalistas. Porém, Lankester queria ampliar a lista, mas de forma ambiciosa: não só dentro da zoologia,<sup>15</sup> que era a sua especialidade, mas também em outros ramos que fazem uso da teoria evolucionária. Um deles é a linguística, onde se registram raças que supostamente *perderam* a capacidade de usar as sutilezas da língua, regredindo para a emissão de sons simples, em um estágio quase animal. O outro seria a História ou, pelo menos, o estudo das Civilizações. Com alguma cautela, ele afirma que muitas raças selvagens do seu presente teriam regredido de civilizações superiores,<sup>16</sup> e o mesmo processo parece ter ocorrido com os egípcios e

---

(13) Aqui aparece com clareza a defesa do princípio da concorrência como a melhor forma de ordenamento da vida social, o principal ponto de contato entre os “New” e os “Neo” liberals. Mas, ao mesmo tempo, a diferença pode ser notada: a concorrência, do ponto de vista de Hobson, só é dinâmica e socialmente benéfica em condições de equidade. Logo, o primeiro passo envolve consolidar uma democracia social igualitária. Somente a partir deste ponto seria possível o *free trade* e a generalização da concorrência pelas diversas dimensões da vida social. Generalizar o mercado livre em uma sociedade profundamente desigual envolveria *crystalizar* as hierarquias sociais, contrariando portanto a possibilidade de gerar uma sociedade dinâmica e baseada em indivíduos livres e prósperos.

(14) *Degeneration: a chapter in Darwinism* Londres: Macmillan, 1880 p. 28-9. Um pouco mais à frente, ele expõe com mais clareza o seu raciocínio: “*Degeneration may be defined as a gradual change of the structure in which the organism becomes adapted to less varied and less complex conditions of life; whilst Elaboration is a gradual change of structure in which the organism becomes adapted to more and more varied and complex conditions of existence. In Elaboration there is a new expression of form, corresponding to new perfection of work in the animal machine. In Degeneration there is suppression of form, corresponding to the cessation of work. Elaboration of some one organ may be a necessary accompaniment of Degeneration in all the others; in fact, this is very generally the case; and it is only when the total result of the Elaboration of some organs, and the Degeneration of others, is such as to leave the whole animal in a lower condition, that is, fitted to less complex action and reaction in regard to its surroundings, than was the ancestral form with which we are comparing it (either actually ‘or in imagination’) that we speak of that animal as an instance of Degeneration.*” p. 32-3 (grifos do autor).

(15) Lagartos que encurtaram os membros, camarões que ficaram mais simples assim como outros animais complexos.

(16) “*Whilst the hypothesis of universal degeneration as an explanation of savage races has been justly discarded, it yet appears that degeneration has a very large share in the explanation of the condition of the most barbarous races, such as the Fuegians, the Bushmen, and even the Australians. They exhibit evidence of being descended from ancestors more cultivated than themselves.*” *ibid* p. 59.

índios da América Central. A degeneração pode ocorrer também quando novas condições facilitam demais a obtenção de comida e segurança como, a seu ver, parece ter ocorrido com Roma ao se apoderar das riquezas do mundo antigo<sup>17</sup> (os ingleses mais cultos nesta época – Hobson inclusive – eram obcecados com a análise das causas da queda de Roma, contrastando com o que poderia ocorrer com o império britânico).

Mas, pergunta-se retoricamente Lankester, e a raça branca da Europa? O cidadão médio não evoluiu tanto assim, se tomarmos como referência os gregos<sup>18</sup> (ele afirma bisonhamente que Aristóteles foi o pai da ciência *européia*):

*With regard to ourselves, the white races of Europe, the possibility of degeneration seems to be worth some consideration. In accordance with a tacit assumption of universal progress – an unreasoning optimism – we are accustomed to regard our- selves as necessarily progressing, as necessarily having arrived at a higher and more elaborated condition than that which our ancestors reached, and as destined, to progress still further. On the other hand, it is well to remember that we are subject to, the general laws of evolution, and are as likely to degenerate as to progress. As compared with the immediate fore- fathers of our civilisation – the ancient Greeks – we do not appear to have improved so far as our bodily structure is concerned, nor assuredly so far as some of our mental capacities are concerned. Our powers of perceiving and expressing beauty of form have certainly not increased since the days of the Parthenon and Aphrodite of Melos. In matters of the reason, in the development of intellect, we may seriously inquire how the case stands. Does the reason of the average man of civilised Europe stand out clearly as an evidence of progress when compared with that of the men of bygone ages? Are all the inventions and figments of human superstition and folly, the self-inflicted torturing of mind, the reiterated substitution of wrong for right, and of falsehood for truth, which disfigure our modern civilisation – are these evidences of progress? In such respects we have at least reason to fear that we may be degenerate.*<sup>19</sup>

O argumento é bastante revelador do espírito da época. Poderia a civilização ocidental estar em franco declínio? Este tipo de argumento se alastrou muito rapidamente e, uma vez deslocado desta perspectiva mais abstrata – centrada no *princípio* da seleção em sistemas que hoje chamamos de complexos – acabou nutrindo os preconceitos contra os miseráveis das grandes cidades.

John Hobson não poderia passar incólume a este tipo de discussão, especialmente se levarmos em conta a forte presença da dimensão evolucionária do seu pensamento. Nesta linha, ele tendeu a considerar a degeneração como um tipo de “doença social” típica dos grandes centros e fortemente associada à pobreza, mas a um tipo muito peculiar de pauperismo: aquele decorrente das tensões da sociedade industrial. Tendo como referência a baixa expectativa de vida entre os miseráveis urbanos

---

(17) “Any new set of conditions occurring to an animal which render its food and safety very easily attained, seem to lead as a rule to Degeneration; just as an active healthy man sometimes degenerates when he becomes suddenly possessed of a fortune; or as Rome degenerated when possessed of the riches of the ancient world. The habit of parasitism clearly acts upon animal organisation in this way. Let the parasitic life once be secured, and away go legs, jaws, eyes, and ears; the active, highly-gifted crab, insect, or annelid may become a mere sac, absorbing nourishment and laying eggs.” *ibid.* p. 33

(18) E aqui a cegueira ideológica é profunda: quando se fala em “os gregos” o que está em foco na realidade é uma ínfima parcela da sociedade grega. A esmagadora maioria era composta de escravos e trabalhadores destituídos de cidadania. Para estes, a faculdade de perceber e expressar o belo, *de acordo com os padrões dos cidadãos gregos*, infelizmente, não era muito acentuada.

(19) *Ibid.* p. 59-60.

– que, em sua opinião *regrediram ao nomadismo*<sup>20</sup> – e a constante migração desordenada do campo para as cidades, Hobson usa uma imagem forte para expressar esta tensão:

*Thus the city figures as a mighty vampire, continually sucking the strongest blood of the country to keep up the abnormal supply of energy it has to give out in the excitement of a too fast and unwholesome life. Whether the science of the future may not supply some decentralizing agency, which shall reverse the centralizing force of modern industry, is not a wholly frivolous speculation to suggest. Some sanguine imaginations already foresee the time when those great natural forces, the economical use of which has compelled men and women to crowd into factories in great cities, may be distributable with such ease and cheapness over the whole surface of the land as no longer to require that close local relation which means overcrowding in work and in home life. If science could do this it would confer upon humanity an advantage far less equivocal than that which belongs to the present reign of iron and steam.*<sup>21</sup>

O problema central, portanto, envolve os efeitos *negativos* derivados da industrialização – o seu caráter *centralizador* – e o novo padrão de trabalho e de reorganização urbana por ela gerado:

*Before the day of large, expensive steam-driven machinery, manufacture was done in scattered houses by workers who were the owners of their simple tools, and often of the material on which they worked; or in small workshops, where a master worked with a few journeymen and apprentices. Machinery changed all this. It drove the workers into large factories, and obliged them to live in concentrated masses near their work. They no longer owned the material in which their labour was stored, or the tools with which they worked; they had to use the material belonging to their employer; the machinery which made their tools valueless was also the property of the capitalist employer. Instead of selling the products of their capital and labour to merchants or consumers, they were compelled to sell their labour power to the employer as the only means of earning a livelihood. Again, the social relations between the wealthy employer and his “hands” were quite different from those intimate personal relations which had subsisted between the small master and his assistants. The very size of the factory made such a social change inevitable, the personal relation which marked medieval industry was no longer possible. Machinery then did two things. On the one hand, it destroyed the position of the workman as a self-sufficing industrial unit, and made him dependent on a capitalist for employment and the means of supporting life. On the other hand, it weakened the sense of responsibility in the employer towards his workmen in proportion as the dependence of the latter became more absolute.*<sup>22</sup>

---

(20) “The city poor are a wandering tribe. The lack of fixed local habitation is an evil common to all classes of city dwellers. But among the lower working-classes ‘flitting’ is a chronic condition. The School Board visitor’s book showed that in a representative district of Bethnal Green, out of 1204 families, no less than 530 had removed within a twelvemonth, although such an account would not include the lowest and most “shifty” class of all. Between November 1885 and July 1886 it was found that 20 per cent. of the London electorate had changed residence. To what extent the uncertain conditions of employment impose upon the poor this changing habitation cannot be yet determined; but the absence of the educative influence of a fixed abode is one of the most demoralizing influences in the life of the poor. The reversion to a nomad condition is a retrograde step in civilization the importance of which can hardly be exaggerated.” *Problems of Poverty*. The Project Gutenberg ebook, 2004 (ed. Original: 1891) p. 8

(21) *Ibid* p. 25. (grifo meu)

(22) *Ibid* p. 15-6

Trata-se, portanto, de um mecanismo estrutural que torna o trabalhador cada vez mais dependente da fábrica e o seu proprietário cada vez mais propenso à especulação e *irresponsável* com relação aos trabalhadores.<sup>23</sup>

Olhando para o conjunto das suas preocupações, fica nítido que Hobson busca retomar, nos seus próprios termos, uma das questões fundamentais do pensamento liberal: como produzir arranjos sociais *compatíveis* com a liberdade e as aspirações individuais? Ou, para formular esse mesmo problema em outros termos: como pensar a democracia sem ter como referência *apenas* um sistema representativo capaz de expressar as proporções da soma aritmética das vontades expressas em grupos de interesse? E, sobretudo, como lidar com povos com formas de vida radicalmente *diferentes* da tradição ocidental? Não interferir seria negligência. Mas até que ponto a intrusão das sociedades industriais neste meio pode realmente beneficiar tais povos? Como evitar que poderosos interesses particularistas deformem as relações entre colonizadores e colonizados? Questões difíceis, que ele tenta tratar simultaneamente. Mas, antes de desenvolver esse ponto, é necessário fazer mais algumas observações de cunho geral.

Um aspecto já destacado é particularmente claro e constante ao longo de sua obra: a *igualdade de oportunidades* como o objetivo fundamental da luta social para a criação de uma “sociedade sadia”, onde os indivíduos possam se autorrealizar e, desse modo, conciliar o progresso individual com o progresso da sociedade. O que está em jogo, portanto, é uma noção radical e abrangente de democracia, que ultrapassa os marcos da política econômica redistributiva.<sup>24</sup> Para Hobson, a base fundamental de uma sociedade genuinamente democrática repousa, em última instância, no acesso igualitário à *educação* e ao intercâmbio de informações: isto é, uma sociedade capaz de formar indivíduos dotados de senso crítico, aptos a decifrar o que está em jogo no debate público e, portanto, tomar suas decisões isentos da influência dos sofistas e dos grupos de interesse particulares que deturpam a discussão na esfera pública. Para tanto, além dos pré-requisitos mais óbvios (pessoas saudáveis e bem alimentadas), são necessárias duas linhas de ação que se interpenetram: i) criar um sistema educacional genuinamente universal para minar o privilégio das elites que monopolizam a educação de qualidade; ii) instauração de uma imprensa livre do controle do Capital e da tutela do Estado.

Hobson é categórico: o controle dos plutocratas sobre a imprensa é uma das causas fundamentais da limitação da democracia. Este domínio se concretiza por duas vias distintas. A

---

(23) “*With each step in the growth of the factory system the workman became more dependent, and the employer more irresponsible. Thus we note the first industrial effect of machinery in the formation of two definite industrial classes—the dependent workman, and the irresponsible employer. The term ‘irresponsible’ is not designed to convey any moral stigma. The industrial employer can no more be blamed for being irresponsible than the workman for being dependent. The terms merely express the nature of the schism which naturally followed the triumph of machinery. Prophets like Carlyle and Ruskin, slighting the economic causes of the change, clamoured for “Captains of Industry,” employers who should realize a moral responsibility, and reviving a dead feudalism should assume unasked the protectorate of their employés. The whole army of theoretic and practical reformers might indeed be divided into two classes, according as they seek to impose responsibility on employers, or to establish a larger independence in the employed. But this is not the place to discuss methods of reform. It is sufficient to note the testimony borne by all alike to the disintegrating influence of machinery.*” *Ibid* p. 16

(24) Um ponto reiterado sistematicamente por Hobson por praticamente toda a sua obra é a ideia de que as políticas públicas *não* podem ser pensadas levando em conta simplesmente os seus efeitos sobre os indivíduos e grupos, mas, essencialmente, *como elas podem impactar o próprio conjunto da sociedade* que, insiste, não é um simples agregado formado por subunidades autônomas em disputa por recursos escassos.

primeira tem duas variantes, uma direta, outra indireta. Neste caso, os plutocratas influenciam a imprensa pela propaganda, uma fonte de receita imprescindível para os jornais de grande envergadura. E, por vezes, simplesmente compram os jornais, caso em que estabelecem uma influência direta sobre a sua operação. Já a segunda forma deriva da tendência à monopolização: os pequenos jornais caem nas mãos de um punhado de proprietários de meios de comunicação<sup>25</sup> cada vez mais ricos que, por conta disso, se inserem nos círculos sociais dos financistas e, gradualmente, passam a compartilhar os mesmos interesses. Por fim, quando os grandes jornais se tornam marionetes dos poderosos e endinheirados, os pequenos jornais independentes tendem a seguir a onda e, caso resistam, acabam falindo por não receberem verba para a propaganda.<sup>26</sup>

Em *The Psychology of Jingoism* (1901) a imprensa aparece como um dos principais aparelhos de manipulação das paixões populares em favor de interesses particulares:

*A little knowledge is most dangerous when it supplies the material and the instrument of unreason. A large population, singularly destitute of intellectual curiosity, and with a low valuation for things of the mind, has during the last few decades been instructed in the art of reading printed words, without acquiring any adequate supply of information or any training of the reasoning faculties such as would enable them to give a proper value to the words they read. A huge press has come into being for the purpose of supplying to this uneducated people such printed matter as they can be induced to buy. Most of this matter consists of statements, true or false, designed to give passing satisfaction to some simple form of curiosity, some ow sense of humour, or some lust of animalism. Some of it, however, is designed to induce a conviction or to rouse a feeling which may affect conduct. The simplest form is the trade advertisement, whereby one, who is known to be an interested party, recommends his own goods and, by continually repeated suggestions, produces a belief which induces the public to purchase his wares. If the vendor stood in the market and recommended his goods viva voce, his spoken word would carry far less weight. The appearance of hard truth imparted by the mechanical rigidity of print possesses a degree of credit which, when the statement is repeated with sufficient frequency, becomes well-nigh absolute. No evidence is essential: the bare dogmatic statement, though emanating from an admittedly interested source, produces conviction and moves to action. How great a power is here placed in the control of a commercial clique or a political party, or any body of rich, able, and energetic men desirous to impose a general belief and a general policy upon the mass of the people! This power of suggestion through print acts mainly upon the individual when it is intended to convey, some simple sort of information as shall influence private*

---

(25) Parte destes magnatas da mídia saem das fileiras da própria imprensa, que ampliam o seu negócio com a falência ou com a compra das empresas concorrentes (e aí surge a conexão com a finança: o acesso facilitado ao crédito). Outra parte se origina de plutocratas que *compram* os meios de comunicação para diversificar seus negócios.

(26) Esta passagem é bastante ilustrativa: “As for the most potent engine of the press, the newspaper, so far as it is not directly owned and operated by financiers for financial purposes (as is the case to a great extent in every great industrial and financial center), it is always influenced and mostly dominated by the interests of the classes which control the advertisements upon which its living depends; the independence of a paper with a circulation so large and firm as to “command” and to retain advertisements in the teeth of a policy disliked by the advertising classes is becoming rarer and more precarious every year, as the cluster of interests which form the business nucleus of Imperialism becomes more consolidated and more conscious in its politics. The political machine is an hireling, because it is a machine, and needs constant repair and lubrication from the wealthy members of the party; the machinist knows from whom he takes his pay, and cannot run against the will of those who are in fact the patrons of the party, the tightening of whose purse-strings will automatically stop the machine. The recent Imperialism both of Great Britain and America has been materially assisted by the lavish contributions of men like Rockefeller, Hanna, Rhodes, Beit to party funds for the election of “imperialist” representatives and for the political instruction of the people.” *ibid* p. 228-9.

*conduct. But where the appeal is primarily to the passions, and statements are 'published' in order to influence public conduct, the power of the press attains its zenith. Any slight tendency of more reasonable folk to question the accuracy of sensational matter obviously designed to inflame the general mind is overborne by the common pulse of passion which sways them as members of a crowd. The terse, dogmatic, unqualified, and unverifiable cablegram is the most potent form of this emotional explosive: it purports to place the mind of the million in immediate and associated contact with the distant sensational event in such wise as to quench all cavil or question; its meaning, heightened and expanded through the sounding board of the press, settles down irresistibly upon the public mind. This is the ideal mode of suggestion – a short, sharp voice of mysterious authority acting simultaneously upon millions of minds whose interaction of passionate sympathy gives it speedy vogue in common talk, and implants it in the small stock of recently acquired impressions. Consideration of this process explains how a dramatic fiction thus implanted is able to survive the most complete exposure, even when the contradiction is conveyed through the same channel as the falsehood. Further analysis of mass-psychology, disclosing the inhibition of comparison and normal reasoning processes, will explain how the most contrary suggestions of fact or feeling can be held simultaneously by the same persons, who have yielded their individual judgment to the sway of a common passion thus prompted and informed.”<sup>27</sup>*

Essa longa passagem é particularmente ilustrativa: um sistema educacional desigual, que fornece à massa apenas competências técnicas e um domínio parcial da arte da leitura e da interpretação dos textos é que, no fundo, torna possível que uma imprensa a serviço dos plutocratas molde a opinião pública para criar políticas públicas ajustadas aos seus interesses específicos e *contrários* aos interesses do conjunto da sociedade.

Mas não é somente a imprensa que é cooptada pelos interesses dos financistas. O sistema educacional e a Universidade também:

*Most serious of all is the persistent attempt to seize the school system for Imperialism masquerading as patriotism. To capture the childhood of the country, to mechanise its free play into the routine of military drill, to cultivate the savage survivals of combativeness, to poison its early understanding of history by false ideals and pseudo-heroes and by a consequent disparagement and neglect of the really vital and elevating lessons of the past, to establish a “geocentric” view of the moral universe in which the interests of humanity are subordinated to that of the “country” (and so, by easy, early, natural inference, that of the “country” to that of the “self”), to feed the always overweening pride of race at an age when self-confidence most commonly prevails, and by necessary implication to disparage other nations, so starting children in the world with false measures of value and an unwillingness to learn from foreign sources – to fasten this base insularity of mind and morals upon the little children of a nation and to call it patriotism is as foul an abuse of education as it is possible to conceive. Yet the power of Church and State over primary education is being bent consistently to this purpose, while the blend of clericalism and autocratic academicism which dominates the secondary education of this country pours its enthusiasm into the same evil channel. **Finally, our centres of highest culture, the universities, are in peril of a new perversion from the path of free inquiry and expression, which is the true path of intellectual life. A new sort of “pious founder” threatens intellectual liberty. Our colleges are, indeed, no longer to be the subservient defenders of religious orthodoxy, repressing***

---

(27) *The Psychology of Jingoism* Londres: Grand Richards, 1901 p. 9-11.

*science, distorting history, and moulding philosophy to conserve the interests of Church and King. The academic studies and their teachers are to employ the same methods, but directed to a different end: philosophy, the natural sciences, history, economics, sociology, are to be employed in setting up new earthworks against the attack of the disinherited masses upon the vested interests of the plutocracy.*<sup>28</sup>

Da subserviência à religião para a patronagem dos plutocratas: é isto que marca o movimento da universidade na era do imperialismo. Mesmos métodos autoritários, fins diferentes.

Mas, em última análise, existe uma saída. E ela passa pela *razão* como a base para se gestar novas formas de convivência, calcadas na pluralidade das formas de vida, mediante o debate e a prática política na esfera pública. Mas, como já adiantei, não nos termos do utilitarismo crasso: por razão John Hobson não entende apenas a capacidade de avaliar custos e benefícios de uma perspectiva essencialmente individual. Neste caso, como se sabe, a “sociedade” é vista apenas como um subproduto da disputa dos atores pelos recursos escassos e pela transformação das instituições sociais que, idealmente, deveria operar apenas como *reguladores*. Hobson parece conceber a razão não só em termos das faculdades individuais de avaliar o cenário e, a partir daí, definir o curso da sua ação para tentar satisfazer seus impulsos ou suas vontades, mas como algo *também social* em um sentido mais forte: a razão expressa a capacidade da *sociedade* criar dispositivos sociais – instaurados e operacionalizados *pelo debate público “racional” e pela prática política* – capazes de harmonizar as tensões entre os interesses individuais e os coletivos.<sup>29</sup> A “razão” é, também, um constructo coletivo. Ou, em outros termos, a *consciência* não repousa apenas no indivíduo, pois ela se materializa *também* na sociedade vista como um *organismo social* que, uma vez composta por cidadãos “iluminados”, poderia expressar espontaneamente a “vontade geral”.<sup>30</sup>

Nesse sentido ele é um típico liberal “construtivista” de orientação cosmopolita, moldado ativamente na atmosfera de profunda transformação no seio do pensamento liberal que se manifestou no fim da Era Vitoriana. Mas seu cosmopolitismo é bastante peculiar. Hobson ataca diretamente o “cosmopolitismo anárquico” que emana do atomismo social, onde a humanidade é entendida essencialmente como um conjunto de individualidades discretas, dotadas de livre-arbítrio em constante conflito de interesses. É exatamente para combater este tipo cru de cosmopolitismo que ele

---

(28) *ibid.*, p. 229-30 (grifo meu).

(29) “If, then, the social will” [termo que ele usa como sinônimo de “general will”] “will be taken merely to mean the aggregate of feeling for the public good thus generated in the separate wills, it may not suffice to support the commonweal. But if our organic conception of society has any validity, the social will means more than this addition of separately stimulated individual wills.” John HOBSON *Work and Wealth... op. cit.*, p. 302.

(30) John FREEDEN destaca muito bem essa característica: “Organic welfare appeared to Hobson to be the best approximation to a vital standard of value, and that for three reasons. Firstly, it acknowledged the fact that the roots of human industrial activity were physical. Moreover, the gregarious instinct which cemented societies, though rationalized with the progress of the human mind, had biological roots. In contrast to Victorian morality, material as well spiritual needs were stressed. Secondly, the organic point of view was a comprehensive one in that it evaluated economic activity with regard to its total effect upon human life. Reforms which applied to partial manifestations of individual (and for that matters, social) life were doomed to failure. Social reform had to proceed on all fronts in a coordinated manner and both specialization and the piecemeal approach were its enemies. Thirdly it adequately described the essence of social life, for society was an organic structure and could only be understood “as a group-life with a collective body, a collective consciousness and will, and capable of realizing a collective vital end.” This was the basis for a theory of society - specifically for a notion of community - considered to be so lacking in liberal thought”. “Biological and Evolutionary roots...” *op. cit.*, p. 483.

buscou integrar o nacionalismo ao internacionalismo.<sup>31</sup> No entanto, este procedimento – ou pelo menos o modo como ele é operacionalizado em *Imperialism: a study*<sup>32</sup> – engendrou algumas fragilidades. A primeira delas, deriva da própria tentativa desastrosa de harmonizar o(s) nacionalismo(s) com o internacionalismo. A segunda debilidade é que, em última análise, o seu cosmopolitismo emana de um curioso senso de missão colonizadora essencialmente *britânica*. E é a partir daí que ele tenta dar conta dos problemas da democracia, uma questão que não é *somente* nacional. Afinal de contas, além das fronteiras, no que hoje chamamos de sistema interestatal, domina ainda a lei do mais forte. Porém, mesmo quando são militarmente poderosas, as nações mais civilizadas só podem garantir a democracia “em casa” se conseguirem configurar uma espécie de *civilização mundial*, respeitosa das diversas nacionalidades e das formas de representação de poder (preferencialmente federalistas) dos diversos Estados que compõe o sistema. Aqui, precisamente, surge a ambivalência: esta civilização mundial só poderia ser *gestada* – quase espontaneamente – por “nações iluminadas”, de forma consensual e por “caminhos voluntários de paz e boa vontade”, *sem o uso da força*.<sup>33</sup> Jesus Cristo não diria melhor. Mas aí está o caráter ambíguo: a tolerância à diversidade deve ser a base da construção desta civilização “mundial”, mas ela não é tão espontânea assim, já que a sua concretização exige que as nações mais poderosas, que são os seus principais condutores – ou seus guardiões? – não se desviem das suas tarefas, isto é, de ajudar os povos “inferiores” e encontrar seus próprios caminhos para o desenvolvimento e bem estar geral, *sem que este colonialismo benigno degenerem em imperialismo*.

Esta mesma ambivalência tem um outro componente que, parece-me, atravessa toda a sua obra: há uma misteriosa “lei do desenvolvimento social”<sup>34</sup> que aponta para o progresso geral da humanidade. Mas, a despeito dessa lei, é possível o descaminho. Na realidade, Hobson tentava, sem sucesso, se libertar da noção de progresso(s) automático que estava na raiz dos herdeiros do iluminismo no século XIX. O problema é, exatamente, até que ponto uma *ordem* desejável (e

---

(31) Sobre isto, ver David LONG *Towards a New Liberal Internationalism...* op. cit., p. 51-2.

(32) Depois da primeira Guerra Mundial, Hobson percebeu a inversão da tendência associada ao nacionalismo: no século XIX ele era entendido como uma força no sentido de ampliar a escala da operação humana mas, depois da Grande Guerra ele se converteu em uma força de fragmentação, algo que se intensificou depois de 1945. Sobre as variações da interpretação de Hobson sobre o problema do nacionalismo depois da Guerra até o fim de sua vida, ver *ibid*, p. 52-3.

(33) “A world federation of nations, in so far as it is ever possible, must proceed from the free will of enlightened nations approaching one another along voluntary paths of peace and goodwill. Such enlightenment is itself the latest and the choicest fruit of free nationalism. Every attempt to check this natural growth, or by force or menace to impose a policy, chills the atmosphere of national life and sterilizes the most promising seeds of the wider, saner nationalism which will seek to realize itself by cherishing the friendship of other nations, and cooperating with them for the attainment of the widest human ends.”cf. John HOBSON “Socialistic Imperialism” *International Journal of Ethics* v. 12, n. 1 (1901) p. 58.

(34) Essa lei é particularmente misteriosa, pois Hobson é bastante ambíguo sobre a manifestação das “leis” no domínio das ciências humanas. Em *Wealth and Life*, por exemplo, ele explica que as ciências naturais são mais exatas por tratarem de fenômenos que podem ser explicados por leis gerais. As ciências humanas tratam de um domínio mais complexo e que, portanto, é irredutível a leis gerais: “It is not merely that ethics, politics, economics, sociology, are backward in the discovery and formulation of their laws: the laws are not ‘there’ to be discovered, in the sense in which they are ‘there’ in physics and chemistry.” Nova York: Routledge, 2012 [edição original: 1929] p. 95. Mas não se trata de uma defesa do relativismo. Pelo contrário: como a sociedade é um todo orgânico, os valores e as crenças que fundamentam as ações sociais devem ser tratados como *fatós*. Disto ele tira pelo menos duas conclusões interligadas: i) é impossível, na prática, separar fato de valor (ou, em outra formulação, o que “é” não se distingue “do que deve ser”.); ii) Toda atividade e proposição científica é inexoravelmente *prescritiva* e, portanto, não é possível o tipo de objetividade que supostamente pode ser atingido nas ciências naturais. Exatamente por isso a ciência não pode ser considerada um fim em si mesmo, mas *um instrumento* para acelerar o progresso da sociedade rumo ao bem-estar geral.

possível) pode ser espontânea e, de forma mais direta, até onde ela pode ser conscientemente dirigida. No prefácio da primeira edição de *Imperialism, a study*, ao explicar o que o motivou a escrever o livro, Hobson dá uma dica:

*The book is addressed to the intelligence of the minority who are content neither to float along the tide of political opportunism nor to submit to the shove of some blind “destiny”, but who desire to understand political forces in order that they may direct them.*<sup>35</sup>

Há uma margem para a transformação da sociedade, mas para tanto, é necessário *entender* as forças políticas em jogo. No caso específico do debate sobre a política internacional, já neste livro, mas também nas obras subsequentes, Hobson insiste na necessidade de um internacionalismo minimamente organizado *pelos nações iluminadas* que teria dois objetivos: i) mitigar a aguda rivalidade interestatal pelos novos recursos demandados pela sociedade industrial (cobre, borracha, petróleo etc.) e, também, evitar a *pilhagem* privada destes recursos;<sup>36</sup> ii) auxiliar os povos menos desenvolvidos – “lower races” – a utilizarem de forma mais eficaz os seus recursos para o proveito de todas as nações e, ao final, para garantir a sua emancipação da “ajuda” dos países colonialistas.<sup>37</sup>

### **Imperialismo, Nacionalismo, Internacionalismo e Cosmopolitismo**

O primeiro ponto a ser destacado é que, para Hobson, não há contradição necessária entre nacionalismo e internacionalismo. Pelo contrário: o “nacionalismo benigno” – isto é, são, verdadeiro, *genuinamente forte* – engendra o **internacionalismo possível**, isto é, aquele compatível com um suposto conjunto de leis do “crescimento social” que, de forma meio misteriosa, aponta para a constituição de uma espécie de civilização mundial. Este tipo de internacionalismo, por ser um produto lento e gradual do desenvolvimento das nações, não pode ser gestado pela violência ou pela absorção das nações menos poderosas aos interesses das nações predominantes. Qualquer tentativa de acelerar esse processo gradual pode, no máximo, engendrar um tipo de cosmopolitismo caótico e desordenado que, no final das contas, não prospera e só produz turbulências sociais.<sup>38</sup> E há ainda um último aspecto do argumento geral que o afasta das correntes individualistas libertárias: os laços que articulam esse internacionalismo não podem ser construídos *diretamente* pelos indivíduos via relações transnacionais mas, necessariamente, precisam passar pelo Estado e suas formas nacionais e internacionais de representação (o que daria corpo à tendência à federação).

Uma vez exposto o argumento geral, podemos analisar os seus componentes. Embora, como tentarei apontar, Hobson dê um colorido particular à noção de nacionalismo, ele parte explicitamente da definição de John Stuart Mill:

---

(35) *Imperialism...op. cit.*, p. v-vi. Mais uma tensão: as minorias aptas a entender com clareza a situação e a massa.

(36) Este é um aspecto curioso do seu argumento: se as nações imperialistas se retirassem dos trópicos, uma “horda” de escravistas, aventureiros, piratas e gananciosos obcecados por dinheiro e poder pegariam em armas para disputar os recursos tropicais, gerando violência e acelerando o extermínio e a desagregação das sociedades tropicais.

(37) Para ele, o principal critério para possibilitar a emancipação era a elevação da riqueza e o crescimento populacional: quanto maior o desenvolvimento da colônia, mais ela tenderá a ganhar autonomia política. A metrópole, portanto, deve deixar que as colônias tenham o máximo de independência possível – dentro, é claro, das formas “civilizadas” – na condução da sua política e na exploração dos seus recursos. O fim deve ser o desenvolvimento da colônia – que, por sua vez, repercutiria positivamente sobre o bem-estar do conjunto da humanidade – e não a busca de interesses “imperialistas”.

(38) Isto tem um endereço certo: Hobson põe na conta do Império Napoleônico o militarismo da Europa continental e o “envenenamento” dos nacionalismos.

*A portion of mankind may be said to constitute a nation” – escreve Mill – if they are united among themselves by common sympathies which do not exist between them and others. This feeling of nationality may have been generated by various causes. Sometimes it is the effect of identity of race and descent. Community of language and community of religion greatly contribute to it. Geographical limits are one of the causes. But the strongest of all is identity of political antecedents, the possession of a national history and consequent community of recollections, collective pride and humiliation, pleasure and regret, connected with the same incidents in the past.<sup>39</sup>*

Em suma: o nacionalismo é, nesta conhecida passagem, um tipo de relação empática de múltiplas causas, mas que se forja por uma *identidade* construída por antecedentes políticos que emana de um passado “comum”. Uma definição suficientemente vaga que, por poder explicar praticamente tudo, não explica nada. Hobson qualifica esta como a forma *genuína* de nacionalismo. E é com a sua *degeneração* que ele estava preocupado.

E, para Hobson, este tema é candente, pois não se pode entender as tensões do século XIX sem levar em conta o nacionalismo. Isto porque a luta pela criação de novas unidades políticas com base na nacionalidade emanava tanto das relações dinásticas da elite quanto das paixões populares. E, no que diz respeito à redefinição das fronteiras políticas, esse mesmo impulso pode desencadear efeitos opostos: é capaz de agir como uma força centrífuga, que favorece a desagregação de nações contidas em unidades maiores (como a emancipação búlgara do Império Otomano) ou, alternativamente, produzir efeitos mais centralizadores, *alargando a área da nacionalidade* (como os movimentos pan-eslavistas na Rússia, ou o pangermanismo da Alemanha) e, desse modo, favorecendo a extensão das fronteiras do Estado ou gerando novas federações.<sup>40</sup> De um modo geral, para Hobson, especialmente no caso da luta de *povos* contra a dominação de vizinhos mais fortes, o impulso nacionalista é genuinamente orientado para consolidar a *liberdade política*, embora nem sempre tenha força suficiente para fazê-lo.

Mas, como já adiantei, existem formas degeneradas de nacionalismo. Todas as suas variantes “patológicas” têm como base dois princípios distintos: um cosmopolitismo vago (Robespierre e depois Napoleão) ou, de forma alternativa, o excesso de particularismo local. No caso dos povos que resistem à dominação de nações mais poderosas, o fermento nacionalista pode estimular uma *revivescência apaixonada* de costumes, línguas, literatura e uma arte *decadente*. Desse particularismo excessivo, recheado de arcaísmos, resulta um nacionalismo violento que, ao irromper, abafa e reverte a tendência ao internacionalismo “sadio”. E o problema também existe na outra ponta, isto é, entre os Estados mais poderosos, onde o nacionalismo pode engendrar ambições desmedidas, baseadas no

---

(39) apud John HOBSON *Imperialism...* op. cit., p. 3-4.

(40) É claro que não existe só essa força em jogo para ele. Algumas unidades políticas tentam combinar nacionalidades diferentes: “*It is true that the forces making for political union have sometimes gone further, making for federal union of diverse nationalities, as in the cases of Austria-Hungary, Norway and Sweden, and the Swiss Federation. But the general tendency has been towards welding into large strong national unities the loosely related States and provinces with shifting attachments and alliances which covered large areas of Europe since the break-up of the Empire. This has been the most definite achievement of the nineteenth century. The force of nationality, operating in this work, is quite as visible in the failures to achieve political freedom as in the successes; and the struggles of Irish, Poles, Finns, Hungarians, and Czechs to resist the forcible subjection to or alliance with stronger neighbors brings out in its full vigor the powerful sentiment of nationality.*” id. *ibid.*, p. 2.

chauvinismo e em um sentimento de destino nacional que, supostamente, deve ser perseguido a qualquer custo.

Mas é importante deixar claro o sentido do movimento: o problema não ocorreu *apenas* por conta das forças que resistem ao assédio estrangeiro, mas sobretudo com a degeneração do colonialismo. O problema apareceu quando, estimulados por tensões na metrópole e pela rivalidade internacional, ao lutarem para anexar territórios distantes e *povos não assimiláveis*, os países colonizadores “aviltaram” o “nacionalismo genuíno”, forcejando a expansão até provocar o transbordamento “das suas margens naturais”, fato que resultou em uma dominação violenta e predatória sobre os povos inferiores (“lower races”) que, além de destruir as culturas locais (engendrando o nacionalismo agressivo acima mencionado), *agrava* os problemas na Europa, ameaçando a democracia e o florescimento da civilização mundial. É exatamente esse processo de conquista *acelerada* de terras inóspitas e de povos muito diferentes, onde, por conta da grande diversidade sociocultural, os colonizadores, uma minúscula minoria, precisam viver *isolados* nas sociedades que migraram, colocando a imensa maioria da população sobre o seu domínio econômico e político.<sup>41</sup> É exatamente isto que marca a passagem do nacionalismo ao *novo imperialismo*.

Assim, John Hobson marca com muita clareza uma das peculiaridades do imperialismo moderno “enquanto política”:

*The novelty of the recent Imperialism regarded as a policy consists chiefly in its adoption by several nations. The notion of a number of competing empires is essentially modern. The root idea of empire in the ancient and medieval world was that of a federation of States, under a hegemony, covering in general terms the entire known or recognized world, such as was held by Rome under the so-called Pax Romana. When Roman citizens, with full civic rights, were found all over the explored world, in Africa and Asia, as well as in Gaul and Britain, Imperialism contained a genuine element of internationalism.*<sup>42</sup>

Quando existe apenas *um poder imperial*, mesmo quando ele não tem por base o princípio da equidade entre as nações (e no interior delas), exatamente por preponderar, o poder hegemônico opera como um garantidor da paz e, desse modo, torna-se capaz de irradiar os elementos mais destacados de sua “civilização” (a referência explícita é o colonialismo romano, antes da sua “degeneração”).

---

(41) Este isolamento impede a interação entre colonizadores e colonizados, o que impossibilita a constituição do suposto “internacionalismo sadio”, que deveria combinar elementos de várias sociedades distintas. Mas o seu efeito mais deletério reside em outro aspecto. Por se tratar de governar a partir de uma posição destacada do meio social circundante, os métodos são necessariamente violentos e discricionários, fato que engendra por parte dos dominados o já aludido “nacionalismo violento”.

(42) Ibid, p. 6. A continuação dessa citação é bastante ilustrativa: “*With the fall of Rome this conception of a single empire wielding political authority over the civilized world did not disappear. On the contrary, it survived all the fluctuations of the Holy Roman Empire. Even after the definite split between the Eastern and Western sections had taken place at the close of the fourth century, the theory of a single State, divided for administrative purposes, survived. Beneath every cleavage or antagonism, and notwithstanding the severance of many independent kingdoms and provinces, this ideal unity of the empire lived. It formed the conscious avowed ideal of Charlemagne, though as a practical ambition confined to Western Europe. Rudolph of Habsburg not merely revived the idea, but laboured to realize it through Central Europe, while his descendant Charles V. gave a very real meaning to the term by gathering under the unity of his imperial rule the territories of Austria, Germany, Spain, the Netherlands, Sicily, and Naples. In later ages this dream of a European Empire animated the policy of Peter the Great, Catherine, and Napoleon. Nor is it impossible that Kaiser Wilhelm III holds a vision of such a world-power.*” p. 6-7.

Neste formato, o Império pode ser visto – mesmo de forma relutante – como o promotor de um tipo de internacionalismo “sadio”.

Exatamente porque não existe apenas um poder imperial, o novo imperialismo tende a assumir uma forma necessariamente agressiva, que subverte e bloqueia qualquer forma de internacionalismo progressista, isto é, aquele desdobramento “sadio” do nacionalismo, onde o colonizador expressa a sua capacidade de transplantar a civilização que *representa* a um *novo* ambiente natural e social. A forma ideal deste transplante é aquela em que o colonizador carrega *plenos direitos de cidadania* e gera colônias baseadas no “autogoverno”. As aspas são importantes, pois o governo da colônia deve ser *congruente* com as instituições da metrópole e, simultaneamente, estar sob seu controle. E o bom colonizador deve ser suficientemente maleável para saber integrar à sua sociedade as virtudes da colônia. Neste caso, os nacionalismos *não geram animosidade* e se beneficiam mutuamente. O imperialismo ocorre quando um Estado avança *além* das suas possibilidades de colonizar neste sentido benigno e, portanto, torna-se necessário dominar ou destruir os povos dos territórios que anexa. Isto transforma a competição estimulante dos vários tipos sociais *em uma competição sanguínea entre impérios crescentemente xenofóbicos*.

A competição acirrada entre Impérios poderosos pela supremacia mundial se desdobra *em todos as arenas* – econômica, militar, cultural etc. – e, dada a sua intensidade, intoxica a vida nacional das metrópoles (xenofobismo, reforço das idiosincrasias nacionais, ambição desmedida etc.) e universaliza a dominação avassaladora sobre as colônias, ameaçando integralmente as suas formas de vida social. Portanto, frente à possibilidade de extermínio de sua cultura, os colonizados, quando podem, reagem violentamente, desenvolvendo – tal como nas metrópoles que, ademais, se sentem ameaçadas uma pelas outras<sup>43</sup> – um “excesso de autoconsciência nacional” que, ao converter uma força *pacífica* (sic.) de coesão em uma força exclusivista, mina qualquer possibilidade de construção de um internacionalismo pacífico, informal e pluralista. Hobson insiste que, a rigor, os nacionalismos, embora representem *sentimentos de inclusão* (e que, portanto, demarcam negativamente o outro, isto é, todos os estrangeiros), podem conviver lado a lado: afinal, a relação *natural* deste sentimento em um povo com outros povos experimentando o seu próprio nacionalismo é *ausência de simpatia, mas não uma hostilidade aberta*.<sup>44</sup>

## Militarismo e Imperialismo

Uma das características mais inovadoras da interpretação de John Hobson sobre o imperialismo no debate público britânico de sua época decorre da ênfase na dimensão tropical do Império, até então ofuscada pela proeminência da discussão sobre o Canadá a Australásia e as

---

(43) Dentre as duas formas de nacionalismo degenerado, contudo, Hobson sustenta que o que se desenvolve nas metrópoles é pior: “*A nationalism that bristles with resentment and is all astrain with the passion of self-defence is only less perverted from its natural genius than the nationalism which glows with the animus of greed and self-aggrandisement at the expense of others.*” *Ibid*, p. 9.

(44) cf. *ibid*, p. 10. O adjetivo natural aparece constantemente no livro todo, sempre para demarcar que o imperialismo é *uma degeneração*, uma patologia, um desvio das tendências naturais ou “sadias”. A implicação é óbvia: embora não seja fácil, dada a própria profundidade e generalização do “desvio”, ele pode ser corrigido. No prefácio da edição original, Hobson expressa isso com cores fortes: “*Those readers who hold that a well-balanced judgment consists in always finding as much in favour of any political course as against it will be discontented with the treatment given here. For the study is distinctively one of social pathology, and no endeavour is made to disguise the malignity of the disease.*” *Ibid*, p. VI.

possibilidades de criação de uma federação imperial.<sup>45</sup> Mas é exatamente fora dos “domínios brancos” que o imperialismo se manifesta com mais clareza e intensidade, onde as “raças brancas” se impõe violentamente sobre as “lower races”, em sua política de conquista dos territórios da África, Ásia e do Pacífico. Este é, para Hobson, o ponto mais sensível do problema por dois motivos: o primeiro já foi discutido, e diz respeito ao tipo de nacionalismo agressivo que este movimento engendra tanto nas metrópoles quanto nas colônias. O segundo é que esta porção do Império está praticamente fora do escrutínio público e, portanto, os colonizadores possuem várias formas de fugir do controle metropolitano e, deste modo, podem impor violentamente os seus interesses particulares sobre os povos subjugados. Além disso, neste caso, o próprio processo de conquista é mais sanguinário: as resistências são esmagadas e os invasores recorrem à política de jogar uma tribo contra outra para exercer mais facilmente o domínio.<sup>46</sup>

Aqui, mais uma vez, fica claro que Hobson olha o problema a partir de uma míope perspectiva britânica. No continente, desde as guerras napoleônicas, o militarismo tem sido a regra, particularmente depois da formação da Alemanha. Uma tendência que, em seu julgamento, os EUA e a Grã-Bretanha conseguiram por muito tempo escapar. Mas a situação mudou rapidamente e estes dois países começaram a sucumbir à corrida armamentista. Mas qual seria o motivo? Não é, no caso da Grã-Bretanha, uma política defensiva para proteger a nação. E, também, não se trata de proteger as colônias dotadas de autogoverno, que são responsáveis pela sua própria defesa. O problema está na tentativa de dominar as zonas tropicais:

*It is our **mistaken** annexation of tropical and sub-tropical territories, and the attempt to govern 'lower races,' that is driving us down the steep road to militarism.”<sup>47</sup>*

É muito difícil exercer sobre estas zonas o colonialismo “benigno”. Logo, elas jamais seriam anexadas sem a pressão e a manipulação do debate público por parte do interesse financeiro. Como estas zonas não podem ser administradas democraticamente, a expansão do império britânico torna-se uma expansão do seu *despotismo*. Mas o aspecto fundamental do raciocínio de Hobson não é este, mas sim o *impacto* que este tipo de expansão exerce sobre a sociedade metropolitana: o arraigamento dos interesses ligados ao expansionismo, a glorificação da Guerra, o nacionalismo exacerbado e todos os demais exageros decorrentes do imperialismo intoxicam a vida nacional na metrópole, ameaçando deste modo os próprios fundamentos da civilização ocidental.

## Os Parasitas do Imperialismo: A alta finança

Mas há outra grande peculiaridade do imperialismo moderno: a sua raiz fundamental não é o comércio internacional, *mas o investimento no exterior*.<sup>48</sup> E o *interesse financeiro* é o único com

---

(45) “A curious blindness seems to beset the mind of the average educated Briton when he is asked to picture to himself our colonial Empire. Almost instinctively he visualizes Canada, Australasia and quite recently South Africa – the rest he virtually ignores. Yet the Imperialism which is our chief concern, the expansion of the last quarter of a century, and the further expansion to which we may be tempted in the early future, has nothing in common with Canada and Australasia, and very little with ‘white man’s Africa’. *Imperialism...* op. cit., p. 131.

(46) É curioso o fato dele não mencionar este problema no estabelecimento dos domínios brancos: não foi exatamente isso que ocorreu nas treze colônias que se emanciparam e no Canadá? Este silêncio é ainda mais sintomático pois, antes da década de 1890, Hobson era um simpatizante do Império e, depois de 1910, tendeu a sugerir que o imperialismo – esse mesmo imperialismo antes criticado como uma degeneração do internacionalismo – era uma etapa talvez incontornável antes de se atingir a civilização mundial.

(47) *Ibid.*, p. 135. Grifo meu.

(48) *Ibid.*, p. 102; 113-4.

clarividência e capacidade de se aproveitar organizadamente dos diversos impulsos e interesses expansionistas presentes nas sociedades “desenvolvidas” para utilizar o poder público para suportar os interesses parasitários dos financistas. É exatamente este aspecto do argumento que garantiu a fama do livro entre os interessados no debate sobre o imperialismo. O foco no papel conspiratório e nefasto da Elite financeira é um inteligente aprimoramento da antiga crítica dos liberais radicais contra a aristocracia fundiária que, como se sabe, afirmavam que o mercado não pode funcionar adequadamente enquanto poucos concentrarem a propriedade da terra. Hobson percebeu que o desenvolvimento da finança *recria* esta aristocracia em novas bases: lhe dá mais poder – pois aglutina diversos interesses monopolistas até então desconexos<sup>49</sup> – e, simultaneamente, torna menos visível o seu papel à percepção do público. Mas há, também, pelo menos dois problemas correlacionados que decorrem do modo como ele formula o argumento.

O primeiro é a tentativa desesperada de tentar desvincular quase totalmente a questão do imperialismo do comércio internacional. E isto deriva de sua complexa filiação aos *Free Traders*. Não resta dúvida de que Richard Cobden exerceu uma influência importante sobre Hobson. Mas, como notou Peter Cain, ao contrário de Cobden,<sup>50</sup> Hobson não somente achava que o papel do comércio internacional estava em declínio, como ele queria *reduzir* ao máximo o peso do comércio externo da Grã-Bretanha. Além disto, a sua posição diferia também de Cobden dado que, como insisti, na visão de Hobson o comércio (interno e internacional) só pode gerar a harmonia generalizada – i.é. substituir o egoísmo pelo altruísmo – se forem implementadas *nacionalmente* reformas sociais que garantam a igualdade de oportunidades.<sup>51</sup> O protecionismo, por outro lado, favorece a monopolização e a disputa acirrada pelo mercado internacional, incrementando as tensões entre os Estados e, deste modo, pavimenta a via para o imperialismo. O comércio livre é, portanto, desejável, mas ele tendia a ser visto por Hobson em 1902 como um mero *complemento* das reformas aptas a instaurar a cidadania ilustrada.

Mas, então, como se pode falar em imperialismo na Grã-Bretanha? É para responder a essa questão que surge o segundo problema, o antissemitismo, mais explícito em alguns textos anteriores,<sup>52</sup>

---

(49) Um ponto que Rudolph HILFERDING também destacou ao seu modo *cf. Finance Capital* Londres, Boston & Henley: Routledge & Kegan Paul, 1981 cap. 23 (Finance Capital and Classes).

(50) Sobre este tema ver Peter CAIN “J.A. Hobson, Cobdenism and the Radical Theory of Economic Imperialism, 1898-1914” *Economic History Review* 2nd series, 31 (1978).

(51) Cf. Peter CAIN *Hobson and Imperialism...* op. cit. p. 75-6. E, um pouco mais à frente: “*Britain should now turn from the ‘extensive’ and ‘quantitative’ growth path towards the ‘intensive’ and ‘qualitative’ one, exhibited by countries like Denmark and Switzerland, where better land and income distribution had created a much more self-contained and contented population.*”<sup>139</sup> *In a Hobsonian universe, each nation would rely much less on the international economy while still retaining free trade.*” *Ibid*, p. 112.

(52) Em *Problems of Poverty*, por exemplo: “*The Jew as an Industrial Competitor – Looking at these foreigners as individuals, there is much to be said in their favour. They do not introduce a lower morality into the quarters where they settle, as the Chinese are said to do; nor are they quarrelsome and law-breaking, like the low-class Italians who swarm into America. Their habits, so far as cleanliness is concerned, are perhaps not desirable, but the standard of the native population of Whitechapel is not sensitively high. For the most part, and this is true especially of the Jews, they are steady, industrious, quiet, sober, thrifty, quick to learn, and tolerably honest. From the point of view of the old Political Economy, they are the very people to be encouraged, for they turn out the largest quantity of wealth at the lowest cost of production. If it is the chief end for a nation to accumulate the largest possible stock of material wealth, it is evident that these are the very people we require to enable us to achieve our object. But if we consider it is sound national policy to pay regard to the welfare of all classes engaged in producing this wealth, we may regard this foreign immigration in quite another light. The very virtues just enumerated are the chief faults we have to find with the foreign Jew. Just because he is willing and able to*

mas ainda nítido em *Imperialismo: a Study*. Hobson estabelece uma distinção entre *investidores* e *financistas*, com o objetivo de lançar sobre estes a culpa sobre os males da civilização:

*If the special interest of the investor is liable to clash with the public interest and to induce a wrecking policy, still more dangerous is the special interest of the financier, the general dealer in investments. In large measure the rank and the file of the investors are, both for business and for politics, the cat's-paws of the great financial houses, who use stocks and shares not so much as investments to yield them interest, but as material for speculation in the money market. In handling large masses of stocks and shares, in floating companies, in manipulating fluctuations of values, the magnates of the Bourse find their gain. These great businesses – banking, broking, bill discounting, loan floating, company promoting – form the central ganglion of international capitalism. United by the strongest bonds of organization, always in closest and quickest touch with one another, situated in the very heart of the business capital of every State, controlled, so far as Europe is concerned, chiefly by men of a single and peculiar race, who have behind them many centuries of financial experience, they are in a unique position to control the policy of nations. No great quick direction of capital is possible save by their consent and through their agency. Does any one seriously suppose that a great war could be undertaken by any European State, or a great State loan subscribed, if the house of Rothschild and its connections set their face against it?*<sup>53</sup>

A passagem não deixa dúvida sobre qual “raça” ele está falando.

E esta postura gera outras implicações. Em uma fina análise, Peter Cain aponta uma tensão fundamental entre as Partes I e II de *Imperialism: a study*:

*Partly because of the speed with which it was put together and partly because Hobson wanted to extend his analysis to cover all industrially developed countries, the analysis suffered from a number of internal contradictions and inconsistencies. The greatest point of tension in his account was that between his sense of the financier as conspirator – inherited from the radical tradition and seemingly confirmed by his South African experiences – and a more analytical approach to financial capitalism as part of the changing structure of advanced industrial societies. As for the latter, Part II contained a number of scattered insights into the growth of big business and into the formation of coalitions of propertied interests which, it is argued, have a Gramscian flavour and were intrinsically of much greater interest than his oft-repeated insistence on the financier as demon king.*<sup>54</sup>

---

*work so hard for so little pay, willing to undertake any kind of work out of which he can make a living, because he can surpass in skill, industry, and adaptability the native Londoner, the foreign Jew is such a terrible competitor. He is the nearest approach to the ideal “economic” man, the “fittest” person to survive in trade competition. Admirable in domestic morality, and an orderly citizen, he is almost void of social morality. No compunction or consideration for his fellow-worker will keep him from underselling and overreaching them; he acquires a thorough mastery of all the dishonourable tricks of trade which are difficult to restrain by law; the superior calculating intellect, which is a national heritage, is used unsparingly to enable him to take advantage of every weakness, folly, and vice of the society in which he lives.”* op. cit. p. 26.

(53) *Imperialism...* op. cit., p. 63-4.

(54) Peter CAIN *Hobson and Imperialism...* op. cit., p. 7-8. A “coloração gramsciana” é um claro exagero, no qual Cain insiste em vários momentos do livro. Ele chega a identificar em Hobson um “gramscianismo primitivo”: a operação de um bloco histórico de interesses ocultos exercendo a “hegemonia”, via cooptação e dissimulação (cf. *ibid*, p. 117). De fato, o argumento geral de Hobson pode ser descrito deste modo, mas trata-se de uma coincidência superficial com o pensamento de Gramsci, que tem uma problemática radicalmente distinta.

De fato, esta tensão é importante e contribui para gerar confusão na bibliografia sobre John Hobson. Na realidade, há um subdebate em torno desta questão. Hobson não apresenta uma, mas *duas* interpretações – ou duas teses – sobre o imperialismo, como prefere Norman Etherington.<sup>55</sup>

A primeira “tese”, como já adiantei, tem como base e ilustração principal a Grã-Bretanha e Hobson dá a entender que as raízes do imperialismo propalado pelos parasitas da finança e seus asseclas têm origem já no apogeu da Era Vitoriana, e não apenas em sua fase final. Neste sentido, como salientou Etherington, ele não vai muito além das críticas de Richard Cobden sobre a ameaça de que a expansão do Império baseada no militarismo e na conquista de zonas que aparentemente só podem ser governadas autocraticamente poderia “corromper” a sociedade britânica.<sup>56</sup> Esta posição também entra em sintonia com uma já consolidada crítica liberal radical sobre o caráter predatório da City Londrina, um tipo de reivindicação muito comum nos distritos industriais e nos círculos intelectuais mais diretamente ligados à Indústria. É essa aparente dissociação entre a indústria e a finança na Grã-Bretanha que estimulou a ilusão de que havia um setor potencialmente progressista – a indústria – contra as aves de rapina sediadas em Londres.<sup>57</sup> Já a segunda “tese” é mais explícita nas alusões de Hobson aos EUA, onde a ênfase recai na emergência das corporações e como elas se articulam com a finança, apontado para uma via que seria trilhada posteriormente com mais ênfase por Rudolf Hilferding e Lênin.

A meu ver, essa diferenciação se explica por uma conjunção de fatores. O mais importante é a defesa renitente e bastante peculiar do *Free Trade* por parte de Hobson. O retorno do protecionismo *acirraria* as tendências imperialistas britânicas, piorando o quadro que, para ele, já era terrível. O problema, portanto, não é o *Free Trade*, mas o fato dele ter surgido em uma sociedade muito desigual

---

(55) cf. “Reconsidering Theories of Imperialism” *History and Theory*, v. 21, n. 1 (1982) p. 17-8. Vivek CHIBBER, de forma rápida e muito imprecisa (não cita Etherington), afirma que Hobson possui duas almas: uma, onde o imperialismo é uma “política” – explicitada na crítica à Guerra dos Boeres – e outra “estrutural”, que domina a cena em *Imperialism: a study* sem desalojar completamente a explicação “política” (sic.). cf. “The Return of Imperialism to Social Science” *European Journal of Sociology* 45 (2004) p. 427 e segs.

(56) “He” [Hobson] “reaffirms James Mill’s observation that Britain’s overseas empire is “a vast system of outdoor relief for the upper classes” and Cobden’s warning “that we may be corrupted at home by the reaction of arbitrary political maxims in the East upon our domestic politics, just as Greece and Rome were demoralized by their contact with Asia” Norman ETHERINGTON “Reconsidering...” op. cit., p. 17.

(57) Peter Cain e Anthony Hopkins ficaram famosos em mostrar não somente esse vínculo, mas também como o interesse industrial, embora estridente, era secundário e, no final das contas, acabou sendo englobado pelo “capitalismo fidalgo” britânico. Desenvolvi isto em *Colonialismo, Imperialismo e o Desenvolvimento Econômico Europeu*. São Paulo: Hucitec, 2009 p. 200-215. Mas, no que diz respeito diretamente à interpretação de Hobson, Peter CAIN é incisivo: “Moreover, although there were considerable holdings of foreign assets in industrial districts such as Lancashire, a very high proportion of foreign investments were held by ‘peers and gents’ and represented a new and powerful link between government, London society, the traditional landed interest, and the City, a combination recently described as ‘gentlemanly capitalist’ and much stronger in its influence in the service sector-driven south-east of England than in the industrial provinces of Britain. In liberal and radical circles associated with industry, such differences and divisions provoked exaggerated fears of London finance and its influence on policy. Hobson’s own attitude to finance reflected this long-standing provincial-radical distance and anxiety. When discussing Britain, his emphasis was on conspiracy and was often detached from fundamental issues such as oversaving and underconsumption. No serious attempt was made to define the nature of financial capitalism in Britain beyond some suggestive remarks about the emergence of the south of England as a rentier society feeding on the returns from foreign investment. Hobson thus hovered between a traditional radical view of finance as conspiratorial and a more systemic one treating imperialism as a function of developing finance-capitalist structures. The tension between the two was reflected most obviously in the contrast between his treatment of the economic motivation behind imperialism in Britain and in America” *Hobson and Imperialism...* op. cit., p.116.

e que, portanto, consolidou a desigualdade de oportunidades como uma característica perene. E o único modo de enfrentar diretamente este problema, *do ponto de vista da política econômica*, seria uma reforma fiscal centrada na tributação sobre o excedente improdutivo (*unearned income*), com ênfase nas remessas de capital para o exterior. A ideia central é, portanto, substituir o sistema fiscal vigente onde, por conta do caráter *indireto* dos impostos sobre as atividades expansionistas, os custos do imperialismo eram transmitidos para o conjunto da sociedade (e, simultaneamente, não podiam ser medidos de forma simples, falseando o debate público), enquanto os benefícios se concentravam no estreito conjunto de interesses aglutinados na finança predatória.

Para encerrar esta parte, é importante retomar a questão da tensão apontada por Peter Cain, Etherington e Chibber, reforçando que o próprio Hobson acabou propondo uma saída – conspiratória e, em certo sentido, voluntarista – para este problema:

*In view of the part which the non-economic factors of patriotism, adventure, military enterprise, political ambition, and philanthropy play in imperial expansion, it may appear that to impute to financiers so much power is to take a too narrowly economic view of history. And it is true that the motor-power of Imperialism is not chiefly financial: finance is rather the governor of the imperial engine, directing the energy and determining its work: it does not constitute the fuel of the engine, nor does it directly generate the power. Finance manipulates the patriotic forces which politicians, soldiers, philanthropists, and traders generate; the enthusiasm for expansion which issues from these sources, though strong and genuine, is irregular and blind; the financial interest has those qualities of concentration and clear-sighted calculation which are needed to set Imperialism to work. An ambitious statesman, a frontier soldier, an overzealous missionary, a pushing trader, may suggest or even initiate a step of imperial expansion, may assist in educating patriotic public opinion to the urgent need of some fresh advance, but the final determination rests with the financial power. The direct influence exercised by great financial houses in 'high politics' is supported by the control which they exercise over the body of public opinion through the Press, which, in every 'civilised' country, is becoming more and more their obedient instrument. While the specifically financial newspaper imposes 'facts' and 'opinions' on the business classes, the general body of the Press comes more and more under the conscious or unconscious domination of financiers.”<sup>58</sup>*

As energias e as múltiplas dimensões do imperialismo se *conectam* pela habilidade das casas financeiras “cosmopolitas” – os judeus – em *manobrar* um conjunto de forças expansionistas díspares (“genuínas”, porém “irregulares” e “cegas”) de acordo com os seus interesses particulares.<sup>59</sup> Logo, se

---

(58) *Imperialism...* op. cit., p. 66-7 (grifo meu). O original grafa “civilised”. Preferi manter o termo usado por Hobson (que hoje se grafa de forma mais popular com z, embora alguns dicionários ainda reconheçam o uso do s).

(59) Felix GREENE, o outrora famoso e combativo jornalista-ativista britânico, cuja casca é leninista, mas o recheio me parece hobsoniano, transpõe o a análise de Hobson para tentar perceber o imperialismo americano. Ele parece concordar com a questão da “conspiração” proposta por Hobson, no caso do imperialismo britânico: “*The development of Britain's global system of exploitation would have been impossible if the small group with capital had not learned to pool their resources, to gather together, to concentrate, to centralize large reserves of money— the capital that was never rightfully theirs in the first place.*” *The Enemy: what every American should know about imperialism* Random House: Vintage, 1971, p. 59. Mas quando ele passa a analisar o *herdeiro* da Grã-Bretanha, os EUA, a coisa parece mudar de figura, pois desaparece o elemento conspiratório (ou a ação consciente e deliberada de um “pequeno grupo”): “*When I speak of imperialism in this book, I refer to it as a single structure, though composed of separate and often hostile national entities. From a constant repetition of 'imperialism does this' or 'imperialism does that,' readers may get the impression that I have a conception of imperialism as some kind of conspiracy, with its leaders plotting each new reactionary move behind locked doors. This is not the picture I have of imperialism. While there are of course discussions of detailed tactics, imperialism, like its*

o proteccionismo gera uma propensão estrutural ao imperialismo, a *reforma* radical das sociedades nacionais desencorajaria este tipo de política e possibilitaria um mundo crescentemente pacífico, articulado pelo comércio internacional e os laços internacionais *privados* e federativos que daí poderiam emanar.

Há, portanto, uma *escolha*:

*The issue, in a word, is between external expansion of markets and of territory on the one hand, and internal social and industrial reforms on the other; between a militant imperialism animated by the lust for quantitative growth as a means by which the governing and possessing classes may retain their monopoly of political power and industrial supremacy, and a peaceful democracy engaged upon the development of its national resources in order to secure for all its members the conditions of improved comfort, security, and leisure essential for a good life.*<sup>60</sup>

Portanto, para sintetizar: o imperialismo na realidade é uma *perversão* de uma suposta tendência à um “internacionalismo genuíno”, que tira suas forças da generalização e intensificação dos laços econômicos – o comércio, a divisão social do trabalho, etc. – que não pode ocorrer sem a intensificação da comunicação entre pessoas, bens e informações. E, congruente a esse movimento, em nome da liberdade (privada) dos seus cidadãos, os Estados terão de elevar o seu grau de cooperação para harmonizar as trocas monetárias, os padrões de medidas, e a infraestrutura internacional necessária ao progresso das comunicações e dos transportes. E, de forma *solidária* a essa integração econômica, deslancham instituições deliberativas/consultivas inicialmente *privadas e informais* que, a medida em que se tornarem efetivas, logo criariam uma forma institucional pública, apta a operar entre as nações.

### Superimperialismo?

Um dos aspectos mais interessantes da reflexão de John Hobson em 1902 é a sua visão sobre os cenários possíveis à sua frente. O aprofundamento da rivalidade imperialista poderia arrastar as potências à uma guerra generalizada e, desse modo, completar o processo de degeneração da sociedade ocidental já em curso. Porém, o cenário mais otimista discutido na seção anterior não era o único possível. John Hobson oferece um terceiro cenário que, curiosamente, possui algumas similitudes com a noção de Superimperialismo proposta por Kautsky. Mas as diferenças são mais importantes do que as eventuais semelhanças.

O contexto é a reflexão de Hobson sobre a intensa disputa pela China. Frente a pressão ocidental, a única saída para os chineses seria “acordar do sono de séculos incontáveis de paz” e se converter em um gigante militar, algo muito pouco provável em sua opinião, “dado os principais fatores psicológicos da vida chinesa”,<sup>61</sup> um argumento muito pouco convincente e que revela uma

---

*predecessors in exploitative society, has no need of a conspiracy. The identity of the class interests of its leading elements is enough to ensure its main cohesion as a political force. The entire apparatus and structure of the society is the product of class domination. All its deepest assumptions and conditioning enable that dominant class to take its privileges and power for granted. Exploitative society has been a ‘going concern’ for thousands of years, and its rulers constitute an organism rather than an organization.” Ibid, p. 112.*

(60) John HOBSON “Free Trade and Foreign Police” op. cit., p. 179.

(61) A passagem completa: “*To suppose that she can do this, because her individual citizens show a capacity for drill and discipline, is to mistake the issue. The whole genius of the Chinese peoples, so far as it is understood, is opposed to militant patriotism and to the strongly centralised government required to give effect to such a policy. The notion of*

percepção muito peculiar das características da sociedade chinesa. De qualquer modo, no juízo de Hobson, provavelmente a China não acordará desse suposto sono. Isso pode desencadear um conflito entre as potências industriais para se apoderar desse território. Mas, há também uma outra possibilidade: as “nações ocidentais” – não fica claro que grupos, classes etc. – podem também acordar para os riscos da guerra e negociar uma ocupação conjunta da China, provavelmente nos moldes da partilha da África.

Isso aparece em dois longos parágrafos, que merecem ser citados na íntegra:

*Not until then shall we realize the full risks and folly of the most stupendous revolutionary enterprise history has known. **The Western nations may then awaken to the fact that they have permitted certain little cliques of private profit-mongers to engage them in a piece of Imperialism in which every cost and peril of that hazardous policy is multiplied a hundred-fold, and from which there appears no possibility of safe withdrawal.** The light-hearted, casual mood in which the nations have been drawn on to the opening up of a country with a population almost as large as that of Europe, nineteen-twentieths of whom are perfectly unknown to us, is the crowning instance of irrational government. In large measure such an enterprise must rank as a plunge in the dark. **Few Europeans even profess to know the Chinese, or to know how far the Chinese they do know are representative of the nation as a whole.**<sup>62</sup> The only important fact upon which there is universal agreement is that the Chinese are of all the ‘lower races’ most adaptable to purposes of industrial exploitation, yielding the largest surplus product of labour in proportion to their cost of keep. In a word, the investors and business managers of the West appear to have struck in China a mine of labour power richer by far than any of the gold and other mineral deposits which have directed imperial enterprise in Africa and elsewhere; it seems so enormous and so expansible as to open up the possibility of raising whole white populations of the West to the position of ‘independent gentlemen,’ living, as do the small white settlements in India or South Africa, upon the manual toil of these laborious inferiors. For a parasitic exploit so gigantic the competing groups of business men who are driving on their respective Governments might even abate their competition and cooperate in the forceful steps required in starting their project. Once encompass China with a network of railroads and steamer services, the size of the labour market to be tapped is so stupendous that it might well absorb in its development all the spare capital and business energy the advanced European countries and the United States can supply for generations. Such an experiment may revolutionize the methods of Imperialism; the pressure of working-class movements in politics and industry in the West can be met by a flood of China goods, so as to keep down wages and compel industry, or, where the power of the imperialist oligarchy is well set, by menaces of yellow workmen or of yellow mercenary troops, while collaboration in this huge Eastern development may involve an understanding between the groups of business politicians in the Western States close enough and strong enough to secure international peace in Europe and some relaxation of militarism.<sup>63</sup>*

---

*China organising an army of six millions under some great general, and driving ‘the foreign devil’ out of the country, or even entering herself upon a career of invasion and conquest, ignores the chief psychological and social factors of Chinese life. At any rate this is the least likely of all early issues in the Far East.”*

(62) John Hobson, naturalmente, se inclui entre os poucos iluminados que conhecem tão profundamente a vida social chinesa, a ponto de profetizar o seu futuro: os chineses *jamais* poderiam criar um exército capaz de ameaçar ou se defender dos países ocidentais. Uma profecia fracassada, como logo ficou patente.

(63) John HOBSON *Imperialism: a study*. op. cit., p. 333-5.

A conquista organizada da China pelas potências ocidentais – que amalgamaria os interesses privados ligados ao “novo” imperialismo – resolveria diversos problemas. O primeiro deles seria a questão do excesso de capitais. Dada a extensão do território e o volume de população a ser integrados pelas ferrovias e pela máquina a vapor, e a alegada suscetibilidade dos chineses a serem explorados pela produção industrial, a China poderia absorver todo o excedente de capitais e de “energia” da Europa e dos EUA “por gerações”. O interessante é o efeito que isto traria para a “civilização ocidental”: todas as pressões dos trabalhadores do ocidente poderiam ser enfrentadas pelo afluxo de mercadorias chinesas e a pela concorrência com os trabalhadores “amarelos”, fato que puxaria para baixo os salários e fortaleceria a coesão das oligarquias ocidentais, garantindo desse modo a paz na Europa e uma atenuação do militarismo. Em suma: o cenário perfeito para os parasitas.

E esse cenário levaria o imperialismo ao clímax:

*This would drive the logic of Imperialism far towards realisation; its inherent necessary tendencies towards unchecked oligarchy in politics, and parasitism in industry, would be plainly exhibited in the condition of the “imperialist” nations. The greater part of Western Europe might then assume the appearance and character already exhibited by tracts of country in the South of England, in the Riviera, and in the tourist-ridden or residential parts of Italy and Switzerland, little clusters of wealthy aristocrats drawing dividends and pensions from the Far East, with a somewhat larger group of professional retainers and tradesmen and a large body of personal servants and workers in the transport trade and in the final stages of production of the more perishable goods: all the main arterial industries would have disappeared, the staple foods and manufactures flowing in as tribute from Asia and Africa. It is of course idle to suppose that the industrialisation of China by Western methods can be achieved without effective political control, and just in proportion as Western Europe became dependent economically upon China would the maintenance of that joint imperial control react upon Western politics, subordinating all movements of domestic reform to the need of maintaining the Empires, and checkmating the forces of democracy by a skilful use of a highly centralised bureaucracy and army.<sup>64</sup>*

O superimperialismo *recriaria* uma aristocracia cercada por serviçais nos países imperialistas, onde o debate público seria dominado por apenas um problema: como preservar a dominação concertada das potências sobre a Ásia e a África, continentes reduzidos a meros celeiros dos países imperialistas e sua degenerada população parasitária, incapaz de sustentar o progresso da civilização mundial. Uma nova queda de Roma.<sup>65</sup>

### Considerações Finais

John Hobson foi um pensador criativo e, sobretudo, radical. Mesmo com um certo ranço elitista, ele foi fundamental para renovar o pensamento liberal, mitigando a obsessão com os direitos de propriedade e, sobretudo, a vinculando-o inextricavelmente à democracia social. Uma democracia que só poderia ser construída mediante o enfrentamento de um conjunto gigantesco de privilégios dos quais a renda é apenas o mais evidente. Somente com transformações profundas no sistema educacional (entendido de forma ampla: que envolve também a saúde, os hábitos pessoais e familiares) seria possível reverter a tendência à corrosão da “civilização ocidental”. Todas as

---

(64) Ibid, p. 335-6.

(65) Embora ele cite o livro apenas duas vezes, é patente a influência de um então famoso livro de Brooks ADAMS sobre Hobson. Cf. *The Law of Civilization and Decay: an essay on history* Nova York: Macmillan, 1897.

sociedades “iluminadas” padeciam de um mesmo tipo grave de patologia social. De um lado se situa uma elite endogâmica totalmente desprovida de inventividade e de dinamismo e obcecada pela garantia dos seus privilégios. De outro, uma massa de pobres com uma mentalidade instrumental, em luta constante pela mera sobrevivência. Desta massa disforme emanam pequenos golpistas – o que nossa sociologia chama de “malandros” – e, sobretudo, um conjunto de arrivistas cooptados pelas elites para trabalhar como serviçais. Em suma, um quadro tétrico, que só poderia ser transformado pela destruição dos privilégios sociais.